

# ERICO VERISSIMO: UM PROUST GUASCA?

ERICO VERISSIMO: A GUASCA PROUST?

Maria Cristina Ferreira dos Santos<sup>133</sup>

**RESUMO:** Este artigo mostra as semelhanças entre o estilo de Erico Verissimo, sobretudo nas obras *Israel em Abril*, *O Arquipélago*, *Solo de Clarineta* e *Incidente em Antares*, e o do escritor francês Marcel Proust, na monumental narrativa *Em busca do tempo perdido*. Ambos tratam do processo mnemônico na composição literária e citam objetos ou situações epifânicas que motivam os enredos, enfocando a importância da memória involuntária. Para isso, serão utilizados os pressupostos teóricos de Henri Bergson, Harald Weinrich e Pierre Nora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; epifania; romances.

**ABSTRACT:** This article shows the similarities between the style of Erico Verissimo, especially in the works *Israel em Abril*, *O Arquipélago*, *Solo de Clarineta* and *Incidente em Antares*, and the French writer Marcel Proust in the monumental *Em busca do tempo perdido*. Both deal with the mnemonic process in literary composition and cite epiphanic objects or situations that motivate entanglements, focusing on the importance of involuntary memory. For this, the theoretical assumptions of Henri Bergson, Harald Weinrich and Pierre Nora will be used.

**KEYWORDS:** Memory; epiphany; romances.

## 1. INTRODUÇÃO

Erico Verissimo, grande escritor brasileiro, literalmente viveu da literatura e foi famoso e aclamado, campeão de vendas no Brasil e lido em diversos países, e muitas obras suas foram base para adaptações cinematográficas. Para os leitores de sua produção completa, que vai muito além da famosa trilogia *O tempo e o vento*, uma das características que instiga é o tema da memória. Em todas as suas narrativas, sejam romances, relatos de viagens, historiografia literária ou autobiografia, há menções ao processo mnemônico, ou seja, como as lembranças operam nas percepções atuais e nos

---

<sup>133</sup> Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. Mestre em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5055-3450>. E-mail: [ymaria1@hotmail.com](mailto:ymaria1@hotmail.com)

enredos, definindo-os e caracterizando as personagens. Além da referência direta a filósofos, como Henri Bergson, por exemplo, que se dedicam a descrever os fenômenos da memória e esquecimento.

Na narrativa de viagem *Israel em abril*, Erico se define como um Proust guasca, a saber, se assemelha ao escritor francês que enfatizou a importância e a contundência da memória no processo de criação romanesca. Além de ironizar com o vocábulo *guasca*, que caracteriza o campesino, o roceiro, o gaúcho estereotipado, na medida em que ele mesmo não se considerava um provinciano ou apegado às tradições rurais. No entanto, é uma maneira divertida de se auto intitular como escritor mnemônico, ademais de grande leitor da obra proustiana.

Além do exemplo supramencionado, há outros excertos, oriundos de outras narrativas, como *Solo de Clarineta*, *Incidente em Antares* e *O Arquipélago*, em que Erico menciona, de forma explícita, sua parença estilística a de Marcel Proust, o que fornece subsídios para uma análise sobre a dialética da memória presente nos enredos mencionados.

## 2. MEMÓRIAS DE VIAGEM

Em 1966, já na maturidade física e literária, após ser um escritor famoso, ter vivido nos Estados Unidos e representado o Brasil junto à Organização dos Estados Americanos, Erico Verissimo viaja, com sua esposa Mafalda, a Israel a convite do Ministério de Negócios Estrangeiros deste país. De suas anotações, publica, em 1969, *Israel em Abril*, advertindo o editor e o leitor que sua intenção era “pintar” o país:

*Israel em Abril* parece-se na estrutura e no espírito com o livro que escrevi há tempos sobre o *México*. Quis uma vez mais fazer o leitor viajar comigo, metido na minha pele, vendo e entendendo (ou não) pessoas, lugares e coisas através de meus sentidos e de meus pontos de referência psicológicos. Como repetidamente tenho dito e escrito,

sou um pintor frustrado, um enamorado das formas e das cores. Plástica é minha visão do mundo e da vida. (VERISSIMO, 1969, p.1)

Entrementes ao intuito de fazer pinturas verbais de Israel, o escritor vai sendo surpreendido por reminiscências e descrevendo-as. Para os que já leram sua produção literária em ordem diacrônica, é nítido que a presença mnemônica se adensa ao longo das narrativas, culminando em sua última obra, a autobiografia *Solo de Clarineta*, inconclusa devido ao falecimento do autor em 1975.

O escritor, logo no início do relato, se surpreende com as artimanhas da memória, como esta opera nas percepções de um país díspar. Ele vai tecendo o enredo com as experiências atuais e as de outrora. Logo ao desembarcar na Terra Santa, é assolado por lembranças:

A memória inconsciente, cineasta desvairada, compõe às pressas e a esmo, com elementos de sua insondável filmoteca, uma espécie de cine-jornal vertiginoso: - ... Remota rua da infância judeus barbudos lojas de ferro-velho faces de companheiros da escola primária ó russinho! [...] tudo isso me passa pela mente numa fração de segundo. (VERISSIMO, 1969, p.2)

E, à moda de Henri Bergson, adverte para a importância das lembranças no entendimento de uma nova imagem:

Coisa curiosa. Nossa geografia interior é em grande parte feita de estampas de revistas, livros ou imagens de filmes cinematográficos vistos na infância e na adolescência. Menino de ginásio, encontrei num número de *Leitura* para todos a reprodução duma fotografia da Place des Vosges. Quando, quarenta anos mais tarde, visitei Paris, a primeira coisa em que pensei ao entrar na famosa praça foi a gravura do magazine, e tive então a oportunidade de confrontar a minha lembrança de sua fotografia com o original. No entanto, de volta ao Brasil, toda vez em que pensava na Place des Vosges nem sempre a imagem que me vinha à mente era a da “coisa real”, mas frequentemente a sua remota reprodução fotográfica. Mais tarde,

reencontrando por acaso o citado número de *Leitura para todos*, fiquei surpreso ao verificar que o seu clichê da praça pouco tinha a ver com a lembrança que dele eu guardava na memória. Entrei em polêmica com o menino e o adolescente que ainda me habitam clandestinamente, pois ambos insistiam diabolicamente em me provar que a verdadeira Place des Vosges não era a concreta, a real, a que está em Paris e que o meu eu adulto viu, nem mesmo a sua reprodução no magazine, mas sim a memória dessa estampa – a imagem que me ficou impressa na mente, com toda a sua carga de tempo e fantasia. (Não será este um bom ponto de partida para discutir problemas de arte, principalmente de ficção e pintura? Mas não agora – pelo amor de Jeová! – pois mal acabamos de chegar a Israel e estamos cansados). (VERISSIMO, 1969, p. 5-6)

Henri Bergson, em *Matéria e memória*, afirma que nossas percepções estão impregnadas de lembranças, as quais se atualizam em novas imagens, sendo estas compreendidas muito mais pelas nossas experiências do pretérito do que pelas novas. Semelhante ao que descreve Erico Verissimo no excerto acima, ou seja, seu entendimento sobre a praça de Paris, é a lembrança da imagem da mesma, muito mais do que o momento real em que a viu. É a premissa, também abordada por Marcel Proust na obra *Em busca do tempo perdido*, de que a vida só faz sentido quando lembrada, e não apenas enquanto sendo vivida. Nas palavras do filósofo francês reafirmamos:

Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens. (BERGSON, 2006, p.30)

Bergson ainda afirma que, por mais breve que seja uma percepção, ela sempre exige um esforço de memória que prolonga uma pluralidade de momentos já vivenciados. Isso pode ser constatado em vários exemplos de *Israel em abril*, quando Erico, a partir de um fragmento temporal do presente,

relembra episódios do pretérito, como vemos abaixo, quando ele está passeando por uma aldeia do país visitado:

O ar aos poucos se vai impregnando da fragrância de flores de laranjeira e eu me sinto instantaneamente transportado a uma primavera da adolescência – estou no pomar da casa de meu avô materno, revejo fantasmas familiares, reencontro meninas que amei em segredo, ouço poemas que recitei sofrendo sob as laranjeiras “vestidas como noivas”, vislumbro sonhos que sonhei pelas ruas de Cruz Alta em noites de setembro e vento – solitário, bisonho, incompreendido, Werther municipal, Hamlet guasca, um livro debaixo do braço, mil outros na cabeça, o peito rebentando de anseios mal definidos. Mafalda me toca o braço, arrancando-me sem saber de meu devaneio, e mostra-me um pomar de árvores floridas, do lado direito da estrada orlada de eucaliptos. Em meio do arvoredado branquejam casas. (VERISSIMO, 1969, p.14)

Por ter visitado muitas cidades ao redor do mundo, Erico guarda lembranças desses lugares e isso determina sua maneira de analisar Israel, comparando-o com lugares já conhecidos:

À medida que o nosso auto avança por estas ruas e avenidas, vou buscando e encontrando (velha mania!) semelhanças com outras cidades que conheço. Aquele trecho de quarteirão com cafés que têm mesas e cadeiras na calçada, poderia estar em Paris. E por que esta avenida não se enquadraria à maravilha no Rio de Janeiro? Ou em Belo Horizonte, com este seu ar de “coisa nova”? Ou mesmo em Lima, Peru? Há um momento em que o cheiro de “noite no deserto” combinado com luz fluorescente, me evoca uma das mais limpas cidades dos Estados Unidos: Phoenix, Arizona. Ao passarmos por uma pracinha, Porto Alegre me acena. (VERISSIMO, 1969, p.26)

Ao visitar a Universidade Hebraica de Jerusalém, Erico é invadido pela epifania proustiana, mas, ao invés de madeleines, é uma moeda que evoca o surgimento de lembranças, chegando a afirmar-se como um “Proust guasca”:

Somos levados ao pavilhão de numismática que faz parte do complexo do Museu de Ha-Aretz. Proust guasca, ao ver as peças de cobre, ouro, prata e bronze aqui exibidas volto em pensamentos à casa paterna, tenho cinco anos, estou brincando às escondidas com as moedas da coleção de meu pai, sinto-lhes o estranho cheiro, apalpo-lhes os relevos, rola sobre a mesa, salta para o chão, continua a rolar e finalmente cai no porão pelo interstício entre as duas tábuas do soalho e então sou tomado do temor de ser castigado (Não fui. O desleixado colecionador jamais deu pela falta da moeda). (VERISSIMO, 1969, p.31)

A medida que vai avançando na viagem e no conhecimento sobre a história e os costumes judeus e árabes, Erico vai adensando em suas percepções carregadas de conteúdo mnemônico. Ao visitar Nazaré, prontamente se recorda de uma canção que cantara na infância sobre a respectiva cidade. Essa reminiscência faz com que reflita:

Como teria o estudante visualizado essa cena com o auxílio de suas lembranças do filme colorido, A paixão de N.S.Jesus Cristo, que o cinema local passava anualmente por ocasião da Semana Santa, e ajudado também por gravuras de revistas e ilustrações da História Sagrada? Seriam essas imagens muito diferentes das que, cinquenta e três anos mais tarde, tem na retina esse mesmo sujeito que se acha agora diante da Nazaré “de verdade”? (VERISSIMO, 1969, p.84)

E, à guisa de Marcel Proust, enfatiza que não apenas as chaves lhe serviram como madeleines, mas que “Cada pedra dessas, cada canto de rua, cada telhado, minarete, cemitério pode incendiar-nos a imaginação” (VERISSIMO, 1969, p.103), ou seja, é como se cada detalhe fosse uma bomba mnemônica, a qual, somada às lembranças idiossincráticas e à memória coletiva, possibilitassem um sem-fim de associações e potências significativas.

Ao visitar sinagogas antiquíssimas de Sefad, Erico conclui que as viagens lhe proporcionam perceber melhor o mundo e a si mesmo, bem como suas análises são aprimoradas quando lembradas:

Penso: Brinco de viajar, e viajando às vezes me digo que sou dois: um que viaja e outro que se vê viajar. No meu caso haverá um terceiro, o que vai escrever sobre o que viajou e o que se viu a viajar. Depois virá um quarto eu: o que ler o que o terceiro escreveu sobre o que viajava e o que se via viajar. (VERISSIMO, 1969, p.118)

O pensamento acima vai ao encontro da teoria bergsoniana de que nas atualizações as memórias se ressignificam:

Digamos que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acaba por recobrir e submergir a outra. É incontestável que o fundo de intuição real, e por assim dizer instantâneo, sobre o qual se desenvolve nossa percepção do mundo exterior é pouca coisa em comparação com tudo o que nossa memória nele acrescenta. (BERGSON, 1969, p.69)

O escritor Erico Verissimo, ao não conseguir dormir por ser invadido por diversas memórias e impressões do dia de passeio, desenvolve uma definição de memória semelhante ao do filósofo Henri Bergson, a saber:

Meu cérebro agora é uma praça pública na qual desembocam as avenidas, ruas e becos da memória, com o seu rico e imprevisível trânsito de imagens, lembranças, vozes, impressões, vivências, espectros de figuras humanas, vivas e mortas, da vida chamada real – tudo isso de mistura com os deuses e duendes de minha mitologia particular. (VERISSIMO, 1969, p.145)

Ele inclusive trava um diálogo imaginário com esses “duendes” de sua mitologia particular, ou seja, Karl Marx, Sigmund Freud, Franz Kafka, entre outros, e os questiona sobre o significado dos judeus. Esse circunlóquio, acrescido de suas lembranças e experiências, o ajuda a compreender as peculiaridades do povo de Israel. Na citação a seguir, podemos reafirmar a

semelhança entre a teoria bergsoniana e a definição do autor de *Israel em abril* acerca da memória: “Nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere” (BERGSON, 2006, p.71).

A mescla entre suas lembranças e as novas impressões continuam até o final da viagem a Israel, quando visita Jerusalém e, mesmo estando na década de sessenta do século vinte, quando a tecnologia ainda era escassa, compara sua memória a um computador:

Fecho os olhos. E esse prodigioso computador que é a memória – alimentado, “programado” durante anos com pinturas, fotografias de cartões postais, ilustrações de livros e revistas, descrições literárias, canções, sermões, superstições, etcétera, etcétera, etcétera, como a Semântica Geral nos manda acrescentar sempre – essa mágica engenhoca envia ao consciente imagens de Jerusalém, cidade importantíssima na geografia de minha imaginação. Estou ansioso por comparar essas “figurinhas” com o seu original de carne e osso ou, antes, em terra, pedra, céu, ar, gente, vegetação, vida e mistério. (VERISSIMO, 1969, p.226)

O que Erico chama de computador alimentado por diversas fontes, as quais o ajudarão a entender Jerusalém, é o conjunto de lembranças que, quando devidamente estimuladas, vem à tona.

Outro assunto presente em *Israel em abril* é a desmemória, ou seja, acontecimentos, fatos, lugares, entre outros, de grande importância histórica e mnemônica, que são olvidados ou desvalorizados. O autor se refere ao corredor que liga Jerusalém a Israel, que foi duramente conquistado por soldados israelenses numa luta sangrenta contra os árabes que o haviam bloqueado em 1947. Ao passar por esta região, Erico se lastima pelo esquecimento desse esforço:



Agora Raquel chama a nossa atenção para os vultos escuros e imóveis que vamos encontrando a intervalos, à direita e à esquerda da rodovia: as carcaças dos caminhões e carros blindados que, depois de aberta esta sangrenta trilha para Jerusalém, foram arrastados para a margem da estrada perto do lugar onde haviam sido destruídos, e ali ficaram como monumentos sem inscrições em memória do grande feito dos soldados israelenses. (VERISSIMO, 1969, p.225)

Apesar do escritor evidenciar o esquecimento desse fato, ao mencioná-lo o traz para a engrenagem da História e o torna dinâmico e dialético. Conforme Pierre Nora (1993), em *Lugares de memória*, a memória é viva, portanto em permanente evolução, carregada por grupos vivos, sempre aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. É vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e, também, de repentinas revitalizações. No exemplo acima, no instante em que Erico Verissimo viu os caminhões abandonados dos soldados israelenses, esse fato estava em latência, mas ao abordá-lo em seu livro, o trouxe à luz, o revitalizou. Pierre Nora enfatiza que “Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções” (NORA, 1993, p.9).

Segundo Pierre Nora, muitas vezes um episódio esquecido necessita apenas de homens particulares que façam de si mesmos homens-memória e, assim, numa decisão solitária, se encarreguem de trazê-lo à luz. Erico Verissimo, não apenas no exemplo supramencionado, e não apenas na obra *Israel em Abril*, se faz de homem-memória,

### **3. EM BUSCA DA CASA E DO PAI**

Além de se auto intitular “Proust Guasca” em *Israel em Abril*, em outras narrativas Erico Verissimo também menciona Marcel Proust e se assemelha ao

seu estilo mnemônico. Assim como na famosa obra do escritor francês, a busca do tempo perdido, da reconstrução do passado familiar e do seu próprio pretérito norteiam o enredo de *O tempo e o Vento*, sobretudo no último tomo, denominado *O Arquipélago*. Nele o leitor percebe que Floriano é o narrador que reconstitui cento e cinquenta anos de história sul-rio-grandense e brasileira, permeada pelas peripécias das famílias Terra e Cambará. Nesse processo, a personagem, que é um escritor, tenta entender a relação conturbada que mantém com seu pai, através da qual poderá concluir o processo de produção romanesca.

Na obra *Em busca do tempo perdido*, o narrador, que é a personagem principal e, entretantes, o próprio escritor, se compreende e logra escrever a partir da rememoração dos mais pífios aos mais grandiosos detalhes de sua vida. Processo semelhante ocorre com Floriano, pois é narrador, personagem central do último tomo de *O tempo e o vento*, e, conforme muitos estudiosos, alter ego do escritor Erico Verissimo. E assim como Marcel, ele vive no mundo literário, é um grande leitor e apreciador das obras e, ademais, se assemelham na grande influência negativa e limitante que suas mães exercem sob suas vidas.

Um momento decisivo no qual Floriano sente o peso da proteção materna excessiva é quando seu pai o convida para acompanhá-lo na guerra e ela tenta impedi-lo, afirmando que ele é muito novo e frágil. Isso causa um desconcerto psicológico no jovem escritor, que a contraria para provar-se a si mesmo. No entanto, tomando consciência de que realmente não estava preparado para enfrentar uma situação bélica, e tampouco gostava de um combate como seus familiares, o ódio pelo seu pai cresce, e as discrepâncias entre ambos também. Na descrição abaixo, atestamos essas diferenças com seu pai e as similitudes com o estilo de Proust:

Sempre se considerara uma peça solta na engrenagem do Sobrado, de Santa Fé, do Rio Grande. Era o habitante solitário dum mundo

criado pela sua própria imaginação e no qual se isolava para fugir a tudo quanto no outro, no real, lhe era desagradável, difícil, desinteressante ou ameaçador. Mas agora via como era frágil o seu universo de faz-de-conta: apenas uma irisada bolha de sabão. (VERISSIMO, 2004, p.82)

O protagonista de *Em busca do tempo perdido* também não se enquadra na sociedade que habita e, assim como Floriano, é visto como débil, idealista e iludido. As similitudes entre os narradores de ambas as obras – *O tempo e o vento* e *Em busca do tempo perdido* – se adensam quando Floriano está dialogando com seu Tio Bicho sobre seu processo de composição romanesca e ele afirma: “Vocês escritores de ficção contam com um admirável sistema excretório. O romancista mais cedo ou mais tarde acaba defecando os seus problemas e angústias...” (VERISSIMO, 2004, p.114). Floriano e Marcel fazem a catarse de seus problemas através dos enredos de seus romances.

Além disso, as duas obras são metalinguísticas, ou seja, os narradores discutam sobre o ato de escrever, sobre o significado e poder das palavras, sobre a influência da memória e do esquecimento na composição da narrativa, e as motivações para a escolha dos fatos e personagens. É o que atestamos no excerto abaixo, extraído do capítulo *Caderno de pauta simples*, da trilogia de Erico Verissimo:

Já vejo claro o que vai ser o novo romance. A saga duma família gaúcha e de sua cidade através de muitos anos, começando o mais remotamente possível no tempo. Talvez no Presídio do Rio Grande, no ano de sua fundação, com um soldado ou um oficial do Regimento de Dragões. Não! Tenho uma ideia melhor. Vejo o quadro. 1745. No topo duma coxilha, uma índia grávida, perdida no imenso deserto verde do Continente. O filho que traz no ventre é dum aventureiro paulista que a preou, emprenhou e abandonou. A criança nasce na redução jesuítica de São Miguel, onde a bugra busca refúgio. A mãe morre durante o parto, esvaída em sangue. Porque esse bastardo, um menino, virá a ser um dos troncos da família que vai ocupar o primeiro plano do romance, e que bem poderá ser o clã dos Terras Cambarás. Quero traçar um ciclo que comece nesse mestiço e venha encerrar-se duzentos anos mais tarde. (VERISSIMO, 2004, p.163)

O narrador Floriano mapeia toda a narrativa, fornecendo a informação de seus objetivos de enredo e o tema abordado. No entanto, o leitor só saberá disso no último dos sete tomos da trilogia. Há também uma preocupação com o esquecimento e seus efeitos na narrativa. Frases que abordem o ato da escrita como uma fuga à rapacidade do olvido são comuns: “Vou tentar reconstituí-lo agora tão fielmente quanto possível, antes que seus ecos se percam nos labirintos da memória” (VERISSIMO, 2004, p.165).

As parecências com a obra de Marcel Proust são, como nos últimos exemplos, percebidas de forma analítica, buscando aproximações. Não obstante, muitas vezes a recorrência ao escritor é de forma direta e explícita, como mencionamos ao analisar *Israel em abril* em que Erico Verissimo se intitula um *Proust Guasca*, e em *O Arquipélago*, quando Eduardo, irmão do narrador Floriano, critica a literatura burguesa, citando o autor de *Em busca do tempo perdido*:

O fato era – refletia agora Eduardo, tendo como uma espécie de monótona música de fundo a voz do patriarca – que Arão apenas lhe abrisse os olhos para uma verdade que mais cedo ou mais tarde ele acabaria descobrindo por si mesmo. A Revelação lhe caíra como um raio sobre a cabeça, deitando por terra o pomposo edifício de mentiras e ilusões que sua imaginação construía com o auxílio de toda literatura burguesa artificiosa, sem raízes na realidade social. Só então é que começara a sentir o sabor de decadência, o que havia de faisandé na obra de Marcel Proust, que antes tanto admirava. (VERISSIMO, 2004, p.177)

Eduardo, o irmão de Floriano que tem inclinações comunistas, discute com ele sobre a função da literatura na sociedade. Ele abomina escritores como Marcel Proust que, na sua opinião, fazem obras para se “masturbarem”, ou seja, para falar de si mesmos em uma atividade narcisista e inútil para a raça humana. Floriano, por sua vez, inúmeras vezes se condena pela validade de suas narrativas e se sente, não raras vezes, semelhante ao escritor francês, usando

os enredos apenas para atos catárticos. Seu amigo Roque Bandeira também o aconselha a se adensar mais nos assuntos humanos, como vemos no excerto abaixo, extraído no diário de Floriano:

Recordo as palavras de Roque Bandeira em uma de suas cartas críticas: Na minha opinião, tua mais séria deficiência como romancista vem de tua relutância em tomar conhecimento do lado bestial do homem. Ficas dançando uma valsinha medrosa à beira do abismo da alma humana, sem coragem para o salto que te poderia levar às profundezas. (VERISSIMO, 2004, p.304)

A similitude com o enredo de *Em busca do tempo perdido* em relação à discussão sobre memória e esquecimento é uma constante no volume denominado *O Arquipélago* e, assim como Marcel Proust, Erico Verissimo cita o filósofo Bergson e a maneira como escreve sobre os fenômenos mnemônicos podem ser explicadas pela teoria dele. Um exemplo é o pai de Floriano, Rodrigo Cambará, que sempre fora um grande leitor literário e filosófico, mas que, ao relaxar nas leituras, se sente diminuído quando um amigo seu cita o famoso filósofo Henri Bergson e ele não o havia lido ainda.

Outro episódio que serve para exemplificar as semelhanças estilísticas entre os dois escritores, é quando o narrador diz que “por mais que vasculhasse na memória, não conseguia descobrir” (VERISSIMO, 2004, p.254), pois Proust foi pioneiro em mesclar fatos rememorados e reflexões sobre o ato de recordar sendo carcomidos pelo esquecimento, e esta peculiaridade narrativa é utilizada no trecho acima e em vários outros da obra de Erico Verissimo. Como em “Continuo a andar, já agora com uma coleção de instantâneos do passado a se misturarem e superporem no campo da memória” (VERISSIMO, 2004, p.307). As lembranças involuntariamente se superpõem ao presente e transformam sua narrativa. Como afirma Bergson, esse é um processo natural:

As lembranças pessoais, exatamente localizadas, e cuja série desenharia o curso de nossa existência passada, constituem, reunidas, o último e maior invólucro de nossa memória. Essencialmente fugazes, elas só se materializam por acaso, seja porque uma determinação acidentalmente precisa de nossa atitude corporal as atraia, seja porque a indeterminação mesma dessa atitude deixe o campo livre ao capricho de sua manifestação. (BERGSON, 2006, p.120)

E, no desfecho da narrativa de *O tempo e o vento*, as semelhanças com Proust continuam na medida em que a personagem-narrador busca, na atividade da escrita do romance, a casa e o pai perdidos. Ele reconstrói o passado de seu estado e sua cidade natal, bem como de seus ancestrais, para poder assimilar a relação que mais o atormentava, ou seja, a paterna. Porém se sente bloqueado para dar continuidade ao enredo até que tem o derradeiro diálogo catártico com seu pai e, logo, sente-se capaz de organizar e concluir sua trilogia.

Na obra autobiográfica *Solo de Clarineta*, a qual é inconclusa devido ao falecimento do autor, também há indícios de semelhança com o estilo proustiano, começando pelo leitmotiv da vida do autor, que é entender o relacionamento com seu pai. Há um capítulo dedicado a este assunto, ironicamente denominado *Em busca da casa e do pai perdidos*, em que intertextualmente joga com o título da grande obra *Em busca do tempo perdido*.

É neste capítulo que Erico Verissimo explica o momento epifânico em que decidiu escrever a trilogia *O Tempo e o Vento* e valorizar o lado “guasca” do seu estado, tornando-se, pelo estilo utilizado e pelo tema abordado, o “Proust guasca”. Isso ocorreu quando passava uma tarde chuvosa na casa de seu avô e, ao entrar seu tio Tancredo, molhado da chuva, com as botas sujas de barro, o odor de cigarro, percebeu que nunca havia escrito sobre seu povo. Num primeiro momento, considerou impossível, posto que os “guascas”, segundo ele, careciam de densidade psicológica. No entanto, logo percebe a simplicidade do

argumento e conclui que eles eram tão profundos quanto as personagens proustianas:

E quem me autorizava a afirmar que ele não tinha vida interior? Não alimentaria – é evidente – a dúvida de Hamlet, pois os gaúchos de sua têmpera haviam já decidido sem metafísica que ser é preferível a não ser. Cabia, pois, ao romancista descobrir como eram “por dentro” os homens da campanha do Rio Grande. Era com aquela humanidade batida pela intempérie, suada, sofrida, embarrada, terra-a-terra, que eu tinha de lidar quando escrevesse o romance do antigo Continente. Talvez o drama de nosso povo estivesse exatamente nessa ilusória aparência de falta de drama. (VERISSIMO, 1974, p.292)

O episódio da entrada do Tio Tancredo embarrado e cheirando a sarro de cigarro teve, para Erico Verissimo, o mesmo efeito que a pequena madeleine tivera para Marcel Proust, ou seja, ambos foram o estopim de reminiscências que resultaram em romances longos e densos. O escritor gaúcho relata que “Foi assim que, sem saber nem querer, meu tio Tancredo me deu a chave com que abri a porta do Sobrado dos Terra-Cambará” (VERISSIMO, 1974, p.292).

Das profundezas do esquecimento do gaúcho arquetípico é que surge o material mnemônico para a composição da trilogia, o que é análogo ao processo narrativo de *Em busca do tempo perdido*.

Segundo Harald Weinrich (2001), estudioso sobre o processo de esquecimento nas grandes obras da Literatura Universal, afirma que, na obra de Marcel Proust:

(...) a memória involuntária passa por baixo de um esquecimento longo e profundo. Muito daquilo que afinal é invocado na memória por uma constelação mais ou menos casual de acontecimentos em si desimportantes, antes disso talvez tenha repousado durante metade de uma vida, nas profundezas de um esquecimento insondável. Agora ela sobe dessas “camadas” e “depósitos” inferiores para a luz. (WEINRICH, 2001, p.211).

As moedas em *Israel em Abril*, o derradeiro diálogo com o pai em *O Arquipélago* e o *Tio Tancredo* em *Solo de Clarineta*, são as madeleines estilo “guasca” que acionam as lembranças nas obras supramencionadas de Erico Verissimo.

#### **4. INCIDENTE EM ANTARES**

Na obra *Incidente em Antares*, a aproximação com o estilo de Marcel Proust é citada de maneira irônica, recurso que é visível aos leitores mais atentos. O enredo gira em torno da sátira social em que sete mortos insepultos, devido a uma greve de cozeiro, resolvem voltar à praça central da cidade e escancarar os problemas, as corrupções e as peripécias da população antarense. Antes da narrativa do incidente, há, na primeira parte do romance, uma longa introdução sobre a cidade, desde o Pleistoceno, ou seja, há cerca de um milhão de anos e “Ignora-se, todavia, em que época da Era Cenozóica surgiram naquela zona do Brasil meridional os primeiros espécimes do *Homo sapiens*” (VERISSIMO, 1999, p.2). O enredo da primeira parte gira em torno da rixa entre as famílias Vacariano e Campolargo, das disputas travadas entre ambas e das guerras nacionais que decorreram durante o período narrado. Ao longo da leitura, percebemos que a maioria das informações é oriunda do *Jornal de Antares*, do professor Martim Francisco Terra, um diário em que relata suas impressões sobre os acontecimentos e sobre as pessoas que viriam a ser envolvidas no incidente macabro de treze de dezembro de 1963.

Ao ser convidado por D. Quitéria Campolargo para tomar chá, Martim Terra é acometido pelo “milagre proustiano”, e parte dele é transcrito em francês, reafirmando a intertextualidade:

Bolinho de coalhada... Dou uma dentada num deles, mastigo, degusto e então o milagre proustiano da Madeleine – que me importa seja uma paródia? – se opera. Je portait à mês lèvres une cuillerée du thé



où j'avais laissé s'amolir un morceau de Madeleine... Certes ce qui palpita ainsi au fond de moi, ce doit être l'image, le souvenir visual, que, liée à cette saveur, tente la suivre, jusqu'à moi... Tenho treze anos, férias de verão, estou orgulhoso porque fiz a minha primeira viagem de trem sozinho. Vim do Rio Pardo a Santa Fé para visitar os meus parentes Terra Cambará. Tia Maria Valéria agora me aparece (onde estava escondido dentro de mim este fantasma magro, de voz seca e olhos de azeviche...). Em que gaveta do meu ser, em que sótão da minha memória inconsciente, em que arca secreta estariam armazenadas, apanhando o pó do tempo e da vida, todas essas lembranças? Mastigo e engulo o bolinho de D. Quita, e imagens do sobrado dos Cambarás me afloram à consciência – cheiro de frituras vindo da cozinha do sobrado, o vulto duma mulher bonita e triste. (VERISSIMO, 1999, p.177)

E acrescenta, à moda proustiana, que a partir do bolinho conseguiu ver todas as imagens acima com seus respectivos sons, cheiros e impressões táteis. No primeiro tomo de *Em busca do tempo perdido*, denominado *No caminho de Swann*, Proust afirma que:

Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos, se acham cativas nalgum ser inferior, num animal, um vegetal, uma coisa inanimada, efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar por perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e, logo, que as reconhecemos, está quebrado o encanto. Libertadas por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco. É assim com o nosso passado. Trabalho perdido procurar evoca-lo, todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora do seu domínio e do seu alcance, nalgum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca. (PROUST, 1983, p.45)

Ou seja, assim como o filósofo Henri Bergson, o escritor francês mencionado e, ademais, Erico Verissimo, acreditam que as lembranças são conservadas e só retornam quando recebem o estímulo apropriado, o qual, para Proust é as madeleines e, em *Incidente em Antares*, os bolinhos de coalhada. Proust elabora, a partir dos biscoitinhos, uma verdadeira poética da recordação, e, quando sua mãe lhe oferece chá, vemos que:

A princípio recusei, mas, não sei por que, terminei aceitando. Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na valva estriada de uma concha de São Tiago. Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de Madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas de bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. (PROUST, 1983, p.45)

Mais adiante, Proust acrescenta que as recordações brotam dos objetos, os quais, mesmo olvidados por um tempo, mesmo carcomidos pelo esquecimento, podem ser estímulos para as lembranças:

Mas quando mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, - sozinhos, frágeis, porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, - o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação. (PROUST, 1983, p.47)

Adiciona, ainda, que todos os elementos e fatos da longa narrativa de *Em busca do tempo perdido* foram suscitadas pelas madeleines embebidas em chá.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisado, Erico Verissimo, além de citar diretamente o escritor francês em suas narrativas, se assemelha ao seu estilo ao escrever sobre os fenômenos mnemônicos, mormente a memória involuntária, a qual é acionada por um objeto ou situação específica. Para Proust, são as famosas madeleines que despertam no asmático narrador toda a carga memorialística de sua vida, para Erico, em cada obra, um estopim e uma abordagem, a saber, em *Israel em Abril* são as moedas, em *O Arquipélago*, a conversa com o pai, em *Solo de Clarineta* é a chegada do Tio Tancredo e, por fim, em *Incidente em*

*Antares* são os bolinhos de coalhada. Nesta última, a menção é direta e caricatural, denominada de “milagre proustiano”, com as moedas é irônico, se auto intitulando um “Proust guasca”, já no Arquipélago, a intertextualidade é mais densa, subentendida e carregada de sofrimento, de traumas, e de uma relação paternal conturbada, e, em suas memórias, a semelhança com o momento epifânico de Proust é no viés da culpa por não ter percebido antes a importância do povo campesino, sentimento motivado pelo parente lavrador que fez a função de uma madeleine à moda de Verissimo.

Erico estende sua discussão da memória involuntária, ou seja, seu estilo “proustiano guasca” para diversas obras, tornando-se uma constante em sua produção romanesca e uma característica indissociável de sua arte de narrar.

### **REFERÊNCIAS**

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História, a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, v.10, n.1, 1993, p.7-28.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. 8ed. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- VERISSIMO, Erico. *Israel em Abril*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago III*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 51 ed. São Paulo: Globo, 1999.
- VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. 4 ed. Porto Alegre: Globo, 1974.
- WEINRICH, Harald. *Lete arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Recebido em 09/03/2019.

Aceito em 24/04/2019.